

TÚNEL DE CEUTA :

UMA HISTÓRIA DE INCOMPETÊNCIA E DE FALTA DE RESPEITO PELO PORTO

1 – O denominado Túnel de Ceuta começou com o Executivo do Dr. Fernando Gomes, em 1996.

2 – A sua proposta inicial desenhava a saída em frente ao Instituto de Medicina Legal do lado direito do Jardim do Carregal e foi chumbada pelo IPPAR por estar muito próximo do jardim e do Hospital de Santo António; que, por ser Monumento Nacional, também deve ter a atenção do IPPAR, tal como o Museu Soares dos Reis que é edifício classificado.

3 – Em 1999, o Eng. Nuno Cardoso ignorou o IPPAR e fez a saída ainda mais perto do Hospital ou seja praticamente encostada ao edifício e junto à porta da urgência. Ao mesmo tempo escavou também a entrada em frente ao Hotel Infante de Sagres.

4 - Apesar disso, em 1999, o IPPAR e o Governo (PS) não embargaram a obra.

5 – No ano 2000, o mesmo Eng. Nuno Cardoso parou a obra por ausência de um projecto consistente face às dificuldades de escavação e face à falta de cobertura financeira. A CMP é, então, obrigada a pagar uma indemnização superior a 140.000 contos ao empreiteiro.

6 – **O actual Presidente da Câmara do Porto encontrou, assim, uma obra parada.** Sem financiamento! Sem projecto! Com a entrada e a saída do Túnel já escavadas! Com um chumbo do IPPAR! Com o Hospital a reclamar, muito justamente! E com uma rampa com 11% de inclinação (superior aos Clérigos) a terminar num cruzamento.

7 – O actual Presidente da CMP que jamais teria decidido fazer o Túnel, tinha, assim, duas opções:

- . Tapar os dois buracos e devolver o dinheiro já recebido à União Europeia, o que implicava um custo para a CMP de cerca de 5 milhões de euros.

- . Concluir a obra com a boca de saída 30 metros à frente, logo no início da Rua D. Manuel II e solicitar mais apoio à U.E.

8 – Optou pela segunda hipótese, porque por pouco mais dinheiro dos cofres autárquicos, o Túnel era feito e o Hospital respeitado.

9 – A nova solução foi, assim, apresentada ao IPPAR por causa do Hospital e do Museu. Solução que previa a saída do Túnel no meio da Rua D.Manuel II. A pedido do IPPAR, a saída foi deslocada para a direita no sentido de conseguir que os seus muretes ficassem o mais longe possível do Museu.

Objectivo que, assim, é conseguido pelo facto de passar a haver uma faixa de rodagem à esquerda da saída do Túnel, com o trânsito no mesmo sentido; o que permite que os muretes de segurança possam ser mais curtos do que com a saída no eixo da via, como a CMP inicialmente propunha.

10 – Assim, a proposta formalmente submetida a parecer do IPPAR, e que a CMP se propõe executar, prevê que o Túnel termine logo no início da rua D. Manuel II, a cerca de 80 metros do Museu, terminando o seu muro de protecção a 25 metros do mesmo edifício.

O passeio passa de 2 metros para 5 metros e poderá ficar sem estacionamento em frente, melhorando muito a visibilidade e o acesso a esse equipamento cultural.

Sem interferências do IPPAR, esta obra ficaria pronta no fim do mês de Maio – exactamente 9 anos depois do PS ter começado a criar este problema à cidade.

11 – Ainda assim, em 13 de Janeiro de 2005, o IPPAR-Porto voltou a chumbar o projecto, indicando como solução a saída escavada no tempo do Eng. Nuno Cardoso, perto da urgência do Hospital ou, então, o prolongamento por toda a Rua D. Manuel II até à porta principal do Palácio de Cristal.

Ou seja : o IPPAR propôs uma solução ainda pior do que a que antes tinha chumbado!?!

12 – Em 17 de Janeiro de 2005 a CMP recorre para o IPPAR-Lisboa.

13 – O IPPAR-Lisboa demora quase dois meses a responder. Fá-lo apenas a 7 de Março, depois das eleições legislativas de 20 de Fevereiro.

14 – E percebendo a incoerência, o IPPAR-Lisboa aparece, então, com uma terceira hipótese, como resposta ao recurso da CMP.

15 – A nova proposta do IPPAR empurra a saída do Túnel para depois da Rua Adolfo Casais Monteiro, à porta da Reitoria da Universidade do Porto (um prolongamento adicional de mais cerca de 190 metros). Uma solução que :

- . Custaria mais cerca de 4,5 milhões de euros.

- . Obrigaria à redução de uma faixa de rodagem, porque a rua é muito mais estreita nesse sítio. Pelo que, ficariam apenas três faixas – o Túnel e mais uma para cada lado.

- . Assim sendo, seria criado um gargalo no sentido Rua Júlio Dinis – Baixa junto ao Túnel, com forte agravamento do trânsito, particularmente para as ambulâncias que se dirigem ao Hospital que, dessa forma, perderiam o corredor BUS que hoje existe.

- . O Túnel teria uma extensão de cerca de 250 metros em que apenas haveria uma só via – o que contraria todas as regras de segurança. (não pensando na questão da claustrofobia)

. Os passeios teriam de ficar muito estreitos de ambos os lados.

. A obra e os seus incómodos demorariam mais 1 ano.

16 – Perante tantos contras e uma forte contestação, o Presidente do IPPAR avança, durante um debate sobre o Túnel de Ceuta realizado no Museu Soares dos Reis, com uma quarta solução : a saída no meio da Rua D.Manuel II – sugestão apontada pelo Eng. Adão da Fonseca, membro do seu Conselho Consultivo.

Ou seja : o IPPAR propõe, perante bem mais de cem pessoas, exactamente a solução que a Câmara tinha apresentado logo no início e que teve de alterar por imposição do mesmo IPPAR!?!

17 – Com a tomada de posse de novo Governo do PS, a Ministra Isabel Pires de Lima pede a paragem da obra e ameaça com o embargo. O Presidente da Câmara manda parar a obra na parte que respeita à Rua D.Manuel II em 23 de Março de 2005, justificando a decisão como uma manifestação de abertura a um diálogo despolitizado e respeitador da cidade. Esta decisão acarreta um pesado custo diário para os cofres da autarquia.

18 - É, portanto, o PS que chegado de novo ao poder, volta a mandar parar uma obra que ele próprio tinha iniciado com parecer desfavorável do IPPAR e que, por sua responsabilidade, esteve parada 3 anos, apesar dos dois enormes buracos, por ele, mandados escavar.

19 – Por acordo entre a Ministra Isabel Pires de Lima, o Presidente da Câmara e o IPPAR, realiza-se uma reunião de carácter técnico no escritório do projectista no Porto, em que o Presidente do IPPAR abandona a solução do eixo da via e aparece a defender uma nova ideia, desta feita com o prolongamento a acabar imediatamente antes da Rua Adolfo Casais Monteiro.

20 – Esta ideia foi devidamente estudada pelo projectista e apresenta enormes problemas. Entre outros :

- A rampa de saída tinha de ter 13% de inclinação (superior à rampa da Escola Normal que tem 12, 6%) e terminaria em cima de um cruzamento.
- Custaria mais cerca de 4.000.000 euros
- A saída e os muretes ficariam apenas a 6 metros de distância do Museu.
- O Túnel teria uma extensão de cerca de 220 metros em que apenas haveria uma só via – o que contraria todas as regras de segurança. (não pensando na questão da claustrofobia)
- O Túnel funcionaria como um armazém de carros à espera de atravessar o cruzamento de Adolfo Casais Monteiro.

Deste estudo é dado imediato conhecimento ao IPPAR e à Ministra da Cultura.

21 – Perante esta situação e em face dos muitos apelos e apoios escritos feitos à autarquia, no sentido de concluir rapidamente a obra, o Presidente da Câmara propõe à Ministra uma solução de consenso, em 11 de Abril :

- A saída seria feita no início e sobre o lado direito da Rua D.Manuel II, a cerca de 80 metros do Museu (solução que todos os estudos já provaram como sendo **a solução otimizada**). Os muretes ficariam, assim, a, pelo menos, 25 metros de distância do Museu.
- **E a Câmara cumpriria todas as exigências que a Ministra quisesse fazer em matéria de arranjos arquitectónicos em toda a superfície, nomeadamente na envolvente ao Museu.**

22 – A Ministra da Cultura dá uma entrevista ao Público e defende a saída junto à porta do Hospital de Santo António, dizendo que o IPPAR também já tinha dado, no ano 2000, um parecer positivo a essa solução. E presta, ainda, declarações ao JN, acusando o Presidente da Câmara de fazer sensacionalismo político.

23 – O anunciado candidato do PS à CMP, visita 2 dias depois as obras do Túnel e repete o discurso da Ministra. O mesmo faz também o Presidente da Concelhia do PS/Porto.

24 – A Câmara pede, então, em 18 de Abril, ao IPPAR o tal parecer de que a Ministra fala e que a Câmara nunca viu, nem nenhum funcionário se lembra de ter ouvido falar. Apenas existe, com data dessa época, e de sinal exactamente contrário, o chumbo dado á solicitação do Dr. Fernando Gomes.

25 – Ainda em 18 de Abril, a Assembleia Municipal (com maioria de esquerda) aprova uma moção recomendando ao Executivo que faça o possível para concluir a obra rapidamente e segundo o projecto que a CMP defende e que está em execução. Uma moção no mesmo sentido da proposta que o Presidente fez à Ministra da Cultura.

26 – Em 22 de Abril, o IPPAR responde ao estudo da CMP sobre a proposta que ele tinha feito de prolongamento até ao cruzamento de Adolfo Casais Monteiro.

Ao contrário da Ministra que, no jornal, defendeu a saída junto ao Hospital, o IPPAR defende o prolongamento, apesar das muitas aberrações que a “solução” comporta e ... **apesar da saída do Túnel e dos seus muretes ficarem apenas a 6 metros do Museu, contra os 80 metros e os 25 metros da solução proposta pela CMP que o IPPAR e a Ministra persistem em chumbar!?!**

27 – Ainda em Abril, a Directora do Museu Nacional Soares dos Reis queixa-se no JN (ilustrando com exemplos) de que o Ministério da Cultura não apoia devidamente o Museu e que, por isso, ele é o segundo menos visitado do País!?!

28 – Em 2 de Maio de 2005 :

a) A Ministra continua sem responder à proposta do Presidente da CMP feita em 11 de Abril.

b) O IPPAR continua sem responder ao pedido da CMP feito em 18 de Abril.

c) As obras permanecem ainda paradas na parte correspondente à Rua D. Manuel II.

d) Os moradores, os comerciantes, o Hospital e todo o trânsito que ali passa continuam a sofrer as consequências da falta de respeito e da incompetência.

Apontamento adicional : *Este mesmo IPPAR não se preocupou quando permitiu a construção dum espelhado Shopping em frente do Museu e um enorme prolongamento do Hospital de Santo António. IPPAR que também não se indignou com um buraco à porta do histórico Hotel Infante de Sagres e que chumbou a boca de saída a 50 metros do Hospital por dele estar muito perto e que agora até chega a aconselhar que ela fosse encostada à urgência...*

Porto, 2 de Maio de 2005